

A arte e seu vínculo com a história

Gilberto André Borges

No começo do século, uma nova linguagem começava a surgir nas artes. Esta nova linguagem se utilizava, nas artes plásticas, da deformação da imagem para mostrar a realidade. Visava com isto não mostrar a realidade de uma maneira fotográfica, mas sim da maneira pessoal como o artista via esta realidade. Este movimento foi denominado abstracionismo. O abstracionismo mudava o olhar do artista para o mundo. Não se tratava mais do olhar objetivo para a realidade, por isso da deformação na arte abstracionista. Os abstracionistas buscavam *abstrair* da realidade, a sua essência.

Adolf Hitler foi um pintor e um arquiteto frustrado. Aos dezoito anos, foi recusado na Academia de Artes de Viena. Neste período, assistiu a ópera *Rienzi*, de Wagner, e ficou impressionado com as idéias nacionalistas do compositor. Hitler se identificou com o personagem *Rienzi*, protagonista da ópera. Hitler era aficionado das artes clássicas. Os padrões estéticos clássicos, para Hitler, eram resultado de um povo sadio de corpo e mente. A deformação abstracionista era vista como produto de mentes doentes. No período compreendido entre as duas grandes Guerras Mundiais, Hitler comandava a reconstrução da Alemanha. A doença mental era vista como uma ameaça crescente e era necessário banir os doentes mentais da sociedade. Era preciso ter um povo sadio para construir uma nação forte. O Partido Nacional-Socialista era formado em sua grande maioria por médicos que experimentaram neste período uma grande ascensão social. O médico era o esteta e a estética, a espinha dorsal do pensamento nazista. Os nazistas acreditavam que se a vida cotidiana fosse embelezada (e por isto foram feitas campanhas de limpeza e organização nas fábricas, nas vilas e nas casas) a luta de classes deixaria de existir, pois todos passariam a viver em um mundo melhor, onde a beleza era a regra. Durante este período de reconstrução da Alemanha, Hitler fez inúmeros esboços de projetos, os quais deveriam ser desenvolvidos segundo estes esboços. Entre estes esboços, estava o do Museu de Arte do IIIº Reich. Este museu foi um importante passo para os nazistas banirem a arte abstracionista da Alemanha, pois Hitler, inicialmente escolhia pessoalmente as obras que poderiam nele ser expostas. Portanto, só exporiam neste museu artistas que produzissem segundo os padrões estéticos clássicos.

Assim como os doentes mentais, os judeus eram vistos como um perigo para a construção de uma sociedade sadia. Os nazistas chegaram a divulgar um filme onde os judeus eram comparados a ratos e seus hábitos, assim como os dos ratos, responsáveis pela propagação de doenças. A poluição e a miscigenação infectaram o mundo. Era necessário buscar a raça pura. A degeneração cultural e racial se apresentava enquanto em uma ameaça. As clínicas de doentes mentais estavam lotadas e os doentes mentais se constituíam num peso para a sociedade, pois eram sustentados com dinheiro público que poderia ser utilizado com outros fins. O conceito de eutanásia é que a sua prática ajuda aquele que sofre a morrer. Os nazistas distorceram também este conceito e passaram a matar doentes mentais. Com o desenrolar da guerra, esta prática foi estendida também aos judeus. Ao passo em que a Alemanha perdia a Segunda Guerra Mundial, a matança de judeus assumia cada vez mais importância como justificativa para a guerra.

Nas exposições do Museu de Arte do IIIº Reich, Hitler era o principal comprador. Os artistas de vanguarda que não quisessem produzir suas obras segundo os padrões estéticos nazistas tiveram que sair da Alemanha. Entre os que ficaram estava a cineasta Leni Riefstahl, que produziu o filme “O Triunfo da Verdade”. Um documentário sobre uma convenção do Partido Nacional-Socialista. Este documentário é considerado o melhor filme de propaganda produzido até hoje. Antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial, este documentário foi agraciado com prêmios internacionais e Leni consagrada como uma grande cineasta. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Leni foi julgada e condenada pelo Tribunal de Nuremberg. Leni afirma que não produziu o filme com o intento de servir como propaganda nazista, mas sim como obra de arte. Leni era formalista, durante o documentário que vimos, ela enfatiza a perfeição técnica nas tomadas e nos cortes empregados na montagem do filme. Este episódio abre a discussão sobre a responsabilidade do artista ante os acontecimentos históricos. Se Leni tinha ou não uma posição política perante os fatos é uma incógnita que não abranda a discussão. O fato é que o filme foi usado como propaganda pelos nazistas. Mas será justo o artista pagar pelo efeito de sua obra de arte na sociedade da época? Quantos artistas hoje produzem obras de arte que servem a propagação de mentalidades reacionárias e nem sequer são questionados a respeito. O engajamento político da arte nem sempre é claramente visível, porém como na arte, forma e conteúdo são inseparáveis, é impossível supor que o artista não coloque em sua arte a sua maneira de ver o mundo. Nesta sua maneira de ver o mundo está implícita a sua formação política. Embora muitas vezes o artista não saiba, sua obra de arte pode estar contribuindo para a divulgação de idéias

reacionárias. Muitos artistas não possuem uma posição política clara, mas sempre que estas posições forem contra o sistema, eles serão questionados a respeito. Vejamos por exemplo os artistas que se posicionaram contra a ditadura militar no Brasil. Muitos foram mortos e outros exilados. Na própria Alemanha, os artistas que iam contra os padrões estéticos nazistas foram perseguidos. Porém os que servem ao sistema são intocáveis. O sistema os usa, utiliza-se da sua arte para manter o povo submisso, para embutir na cabeça das pessoas a maneira como devem pensar e viver. Leni foi um caso peculiar de uma artista que pagou por ter servido ao sistema. Isto somente ocorreu porque os alemães perderam a guerra e os crimes nazistas vieram à tona. Quero que fique claro que não estou dizendo que fazer propaganda nazista seja algo bom. Apenas que sempre se utilizou a arte para formar opinião pelo fato dela estar sempre atrelada a algum sistema, ora o absolutismo da Igreja, ora o mercantilismo burguês ou então as leis de mercado do séc. XX.

O artista sem dúvida possui uma responsabilidade ante a história. A arte se antecipa a seu tempo e sob esse aspecto assume uma característica de formadora de opinião. O argumento da preocupação com a forma denota o panorama do não se envolver com questões políticas. Se tomarmos isto ao pé-da-letra, o simples fato de não querer se envolver com política é uma postura política. Por isto o artista, que representa a vanguarda da arte deve saber traduzir em arte o que diz a vanguarda do pensamento da sua época. Os que se absterem de ter uma ideologia correm o risco de servir a um sistema ao qual nunca questionaram e, portanto não sabem se é o melhor para si próprios. Ampliando-se para a macro-estrutura, no caso da cultura de massa do séc. XX, por exemplo, influenciaram milhares de pessoas a também não questionar. Não se trata de conteudismo. Só é realmente arte de vanguarda aquela que traduz o conteúdo (contexto) de sua época em forma. Porém o artista deve ter uma preocupação a respeito do que está dizendo com a sua arte. Assim como ele deve ser um sujeito da história, deve despertar através da sua arte o elo entre o sujeito espectador e seu tempo. Esta busca feita pelo abstracionismo através da deformação é que não foi compreendida pelos nazistas. Bem pelo contrário, ia contra os princípios do nacional socialismo. Se por um lado, a arte ajudou a promover o pensamento nazista na Alemanha, poderia ter representado a resistência contra este tipo de pensamento caso os abstracionistas continuassem a expor seus trabalhos. Esta dupla faceta: a de promover a cultura estabelecida e a contra-cultura faz da arte um poderosíssimo instrumento no enriquecimento do pensamento humano. É imprescindível que os artistas disto o saibam para não serem manipulados assim como os seus espectadores. Nem todos os artistas pensam desta forma. Há

os que dizem que têm o direito de se abster dos assuntos políticos assim como qualquer cidadão. Mas como assistir a tantas barbáries sem tomar partido? Se somos formadores de opinião, sob certo júdice, somos responsáveis também por estas barbáries. Este é o enfoque dado pelo tribunal de Nuremberg à participação de Leni Riefznstahl na propagação das idéias nazistas. Mas também este tribunal servia a um outro sistema. A questão talvez nem seja o fato do artista ser ou não cooptado pelo sistema vigente, mas sim qual ideologia deve este artista defender. Enquanto vivemos um determinado período histórico, é preciso tomar partido em prol deste ou daquele sistema, desta ou daquela ideologia. Somente o afastamento do tempo nos permite julgar um período da história. Neste final de século, o que poderia dizer um artista da falta de perspectiva do capitalismo mundial? Da eterna crise que sustenta o sistema? Da miséria humana encontrada nos rincões mais pobres do planeta? Da fome que assola populações inteiras? Dos lucros exorbitantes dos que vendem armas? Das guerras absurdas feitas por interesses espúrios? Certamente, o que pode este artista fazer é dizer o que sente e percebe, o que constitui a sua espiritualidade. É necessário que tome partido pelo que julgue justo. A história é que é a grande tribuna e ela quem vai mostrar a amplitude da influência artística nos seus diversos caminhos.

Material de Referência:

- Vídeos: A arquitetura da destruição
Leni Riefsntahl: O triunfo da vontade